

Estão querendo Revogar a lei do morro: não sei, não vi, não conheço

Por JB Serra e Gurgel (*)

Existem as leis de Murphy que guiam o mundo Ocidental para as dimensões do absurdo, do óbvio, do previsível, do imprevisível. Leis consuetudinárias que acompanham o desenvolvimento humano com racionalidade ou irracionalidade.

No Brasil, há 184 mil leis em vigor. Mas uma lei que diz que “há leis que não pegam”. Isto no quadro da ordem institucional que não pertence ao mundo das pessoas comuns, mas dos juristas que conseguem passar no exame da OAB!

Mas há outras leis em vigor, até mais fortes, como “a Lei de Gerson”, aquela em que o cara quer levar vantagem em tudo. Pegou como chiclete no chão. Há a “a lei da sobrevivência na selva”, onde o mais forte sobrevive. Também pegou. Há também “a lei do morro”, baseada no princípio, não sei, não vi e não conheço. A “lei do cão”, em que tudo vale, a “lei da mãe Joana”, que oficializa a bagunça, a anarquia, a fuleiragem. A “lei do Ceará,” quem protesta já perdeu. A “lei de Murici,” em que cada um cuida de si. A “Lei seca” que apanha bêbados ao volante. A “lei do menor esforço” ação simplificada pro trabalho e pra ganhar grana. A “lei da mordada”, a censura sonhada pela petralhada, A “lei do salve-se quem puder”, e a “lei do é dando que se recebe”, que oficializou o troca troca de gentilezas, favores, corruptas, propinas, “A lei do que der e vier”, tudo bem.

No futebol, há muitas leis. “Quem não faz, leva”, “quem deve correr é a bola, não o jogador”, “quem se desloca, tem preferência”, “a bola castiga o mau jogador”.

Recentemente, tivemos um Presidente, também conhecido por Exterminador do Plural, que tentou banalizar a lei do morro, por apoiar seu governo no espírito da Lei. Usou e abusou da dita cuja para negar o mensalão, o enriquecimento da fiarada, os amores com a galinha que voa.

No Rio de Janeiro, o chefe de polícia tentou por outros meios revogar a lei do morro, oficializando o dedo duro, que sabe, viu e conhece. Se dedurar, delatar, trair, sacanear, ganha grana, ganha delação premiada, proteção policial no presente e um pijama de madeira mais na frente. Isto numa comunidade em que o dedo duro também é chamado de dedo de gesso, dedo de seta, alcagueta, caguete, dedo de coruja, dedo de anzol, dedo de cimento armado, dedo nervoso, dedo de prosa, dedo de radar, dedão, dedurão. Virou um traço cultural ameaçado por uma nova ordem em que os valores mudam de tom, a ética, a mora e os bons costumes perdem para o crime organizado, a banalização da vida, a baixaria, a impunidade, a corrupção da sociedade.

A ação mais violenta contra a lei do morro está apoiada na tecnologia. Claro, que Orwell não previu isso, mas usam seu nome para coonestar o baita, gigantesco, descomunal esforço para revogá-la. Primeiro quando instituíram o SAC, Serviço de Atendimento ao Consumidor. Não pegou. Depois, as unidades de Relacionamento com os Consumidores. Não pegou, Agora estão forçando a barra com as Ouvidorias, que não dará certo, escudadas em centrais de teleatendimento, aquela em que você liga para um número e cada número tem 10 opções, protocolo, fila de espera. Tudo porque não sei não vi e conheço e todo consumidor, em princípio, é um ladrão.

E porque não deram certo? Porque não há cultura para se respeitar o consumidor. Consumidor e merda é a mesma coisa. Inventaram o 0800. As empresas para cortar custos. Cortaram o 0800, Implantaram o 0300 em que o consumidor paga. As empresas ganham comissão quando o infeliz leva 30 minutos, 1 hora ou 2 horas para ser atendido. O mesmo acontece com 4001, Da mesma forma que para cortar custos, as empesas não mandam as faturas, querem tudo por debito em conta e os bancos não fazem como jornaleiros verdureiros em bancas, quitandeiros, tendinhas, botecos que aceitam cartão de qualquer banco. Não aceitam para não ter despesas. Para esses filhos da... “a Lei de Gerson” é largamente aplicada.

Voltando a vaca fria, a lei do morro está sendo igualmente sendo ameaçada pelas sistemas de câmeras eletrônicos instalados nas ruas, supermercados, bancos, transportes, bicos, vielas, favelas, shoppings, prisões, etc. Brevemente, teremos câmaras por satélites, parados no espaço, acompanhando s passos das multidões.

Isto tudo num país em que o mais cruel dos assassinos, dos bandidos e dos criminosos não podem revelar seus crimes para não delatar a si mesmo e em ainda este pessoal pode ficar calado diante de um delegado e de um juiz, de um tribunal, esconder-se como caramujo na sua vil consciência. É um contra-senso.

* JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor.